

A GUERRA DOS SEXOS¹

The war of the sexes

Regina Steffen

“... *ela filmou o que viu e registrou o que não viu*”.
João Moreira Salles (2018).

Resumo – A liberação sexual iniciada em meados do século passado, embora fosse um subproduto do movimento contra a guerra do Vietnã, implantou-se de modo definitivo, tendo mudado a moral sexual de todo o mundo, quase sem exceção. O lema da contracultura - “faça amor, não faça a guerra” -, convocava ao prazer na cama e não no campo de batalha e, no entanto, acabou por fomentar a guerra dos sexos a que assistimos na contemporaneidade. Qual o alcance das revoluções sociais? Em se tratando do desejo sexual, será suficiente abordá-lo através do *socius*? Qual a diferença entre o sujeito do inconsciente de que trata a psicanálise e o sujeito social em sua dimensão psicológica? Qual contribuição a psicanálise tem a oferecer ao tratamento do impasse do desejo? Destas questões, trataremos aqui.

Palavras-chave – desejo, castração, transgressão, fantasia, contracultura, não-relação sexual.

Abstract – Although the sexual liberation of the 1960s was a sub-product from the movement against the Vietnam War, it achieved the complete change of the sexual morals all over the world, with few exceptions. The counter-culture slogan “Make love, not war” demanded that you have pleasure in bed, not on the battlefield, and it evolved into the war of the sexes we are engaged in today. What is the reach of social revolutions? When it comes to sexual desire, is it enough to consider only the social subject? What is the difference between the social subject in its psychological dimension and the unconscious subject that matters to psychoanalysis? What contribution can psychoanalysis make to treating the impasse of desire? These are the questions that this paper intends to discuss.

Keywords – desire, castration, transgression, fantasy, counterculture, no sexual relationship.

REVOLUÇÃO – DE VOLTA AO PONTO DE ORIGEM

As revoluções do século XX incidiram com muita força sobre dois aspectos do vínculo social: as relações entre trabalho e capital e as relações amorosas entre os seres

¹ O presente artigo constitui versão revisada de outro, publicado previamente na revista “Modernos e Contemporâneos” – International Journal of Philosophy – volume 3, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH) da Unicamp, em janeiro/2020, a partir de texto apresentado pela autora no encontro de psicanálise “Quando os psicanalistas se encontram...” realizado em Campinas, S.P., em junho/2019, por iniciativa das seguintes instituições de psicanálise: Associação Campinense de Psicanálise (ACP), Tykhé e Associação Livre. Os trabalhos desse encontro tiveram como fio condutor o documentário “No Intenso Agora”, de João Moreira Salles, sobre as revoluções do século XX.

humanos, tendo neste último caso, atingido a própria raiz estrutural dessas relações: o vínculo afetivo-sexual.

Sobre a ideia de revolução, Lacan, que viveu o intenso agora do maio de 68 francês, era bastante cético, pois, como o próprio termo declara, “re-volução” é um movimento que pretendendo mudar tudo, acaba por promover um giro de 360 graus que leva tudo de volta ao ponto de partida (Lacan, 1970, p.52). Trata-se de uma volta, desfigurada, ao ponto de origem. Troca-se de mestre, mas não de estrutura. Nesse sentido, nenhuma revolução nunca foi bem-sucedida. Nenhuma, tampouco, entregou o prometido: a felicidade perene, o falacioso ideal de uma felicidade sem obstáculo. A re-volta é uma volta que se completa sem sair do lugar.

A revolução socialista - uma das maiores do século passado - foi mantida à força e ao custo da perda das liberdades individuais até ruir gradualmente, sem sequer ter conseguido amenizar a virulência do capitalismo. Ela não apenas não se sustentou, como não serviu de modelo inspirador para o resto do mundo, não tendo ido além de seus próprios muros.

Contrariamente, o chamado “Verão do Amor”, movimento iniciado nos Estados Unidos em 1967, totalmente encabeçado pela juventude, cujo mote era protestar contra a guerra do Vietnã, acabou por implementar uma mudança nos costumes que atingiu o mundo inteiro de modo irreversível. O movimento que ficou conhecido como “Contracultura”, atirou para onde viu e acertou o que não viu. “Faça amor, não faça a guerra” era sua palavra de ordem contra a guerra, mas na surdina, foi o amor livre que se instalou definitivamente. Não há no mundo contemporâneo quem não seja filho do “sexo, drogas e *rock’n’roll*” daquela época. Foi nesse caldo cultural que mudanças estruturais foram forjadas.

O movimento da garotada, com suas flores, músicas e sexo livre, implantou mudanças numa profundidade e numa extensão que as grandes revoluções daqueles tempos não lograram atingir, mesmo com todo o poderio bélico, político e econômico que possuíam. A guerra do Vietnã com certeza não acabou só porque os jovens protestaram. Ela terminou por razões políticas e econômicas. Já, a liberação sexual, que não era o alvo manifesto do movimento, esta sim, vingou.

A ideia de um acontecimento que atinge em cheio um alvo que ele próprio não previa, constitui o território característico da psicanálise. A psicanálise é o único campo do saber cuja ação, instalando-se justamente no furo do saber, opera a partir de um saber que não se sabe, um saber sem sujeito e do qual a subjetividade é efeito e não agente. Esta raiz estrutural da subjetividade, ponto cego do saber, é definido pela psicanálise como “desejo”, e não um desejo qualquer, mas o **único** desejo humano, único a comandar a vida e suas múltiplas motivações: o desejo sexual, sexuado, cortado, castrado. O movimento contra cultural, sem saber e sem querer, atingiu a essência da subjetividade, alvo privilegiado da psicanálise.

A liberação sexual que, gradualmente, se implantou no mundo, exigiu o fim da repressão moral sexual, responsabilizada pelo sofrimento humano. Professava-se o amor livre como antídoto para o mal-estar dos corpos encouraçado pela repressão. Todas as mazelas psíquicas eram tributárias das amarras do corpo.

A repressão sexual, de caráter exclusivamente moral, atinha-se à sexualidade feminina, ditando-lhe os modos e os costumes adequados ao seu exercício. Era a sexualidade da mulher que deveria ser liberada, pois a dos homens sempre fora livre e estimulada. Esse projeto foi prontamente encampado pelo movimento feminista que já lutava por igualdade de direitos civis há bem mais tempo. Desde este ponto inicial, a dimensão simbólica da lei que constitui o desejo sexual não foi considerada, tendo transitado direto para o âmbito das leis civis. Confundir o caráter simbólico da lei do desejo com as leis civis que ordenam as relações sociais, tem por consequência manter inalterada a estrutura desejante, prenunciando que, uma vez cumprido o ciclo do movimento revolucionário com suas demandas alcançadas, o desconforto, o mal-estar, se mostrará ainda lá, inabalável, como no ponto de partida.

A vida das mulheres, desde meados do século passado, foi gradualmente se tornando muito mais confortável. A dos homens também. Embora, eles nunca tivessem experimentado a repressão sexual, viviam o desconfortável dilema de desejar a puta e amar a mulher. Integrar essas duas vertentes contraditórias era tarefa das mais difíceis para eles. A solução passava por tentar equilibrar o casamento com a santa Mãe de seus filhos no coração do lar, frequentando o prostíbulo para as questões do desejo. A mãe em casa, a mulher na rua. O homem que se apaixonasse por uma mulher que exercesse livremente sua sexualidade, estaria diante de um drama e de um impedimento moral que, na maioria das vezes, o impossibilitava de levar adiante esse amor: aquela não era mulher com quem se casar. O gozo do homem, assim como o da mulher, também estava proibido dentro de casa. O desejo, esse estrangeiro, era ali um estranho no ninho, nunca plenamente alcançável pela via conjugal. Homens e mulheres, cada um a seu modo, encontravam dificuldades e desencontros na vida sexual.

Os jovens denunciaram que algo no modelo do casamento estava muito errado e se não estava dando certo, ou seja, se as pessoas não estavam felizes, era por causa da repressão produzida pela moral machista e paternalista vigente. “Abaixo o sistema!” tornou-se um imperativo e toda uma geração de jovens tratou de mudar o mundo a partir da cama do casal. Enquanto declaradamente exigia-se a queda do sistema capitalista, sub-repticiamente era o sistema patriarcal que vinha abaixo.

Hoje, cinquenta anos depois, em que pé estamos? A liberação sexual é fato incontestável, não há mais repressão. Porém, o que testemunhamos passa muito longe da felicidade esperada dos libertos. Se antes a conjugalidade se mantinha na marra, hoje, simplesmente ela não se mantém. O antigo sofrer calado dos casais infelizes, deu lugar a uma guerra dos sexos dos casais, ainda infelizes.

O próprio encontro sexual pode acabar agora entravado pela burocracia, beirando o ridículo de não acontecer sem antes um contrato assinado pelas partes. Com reconhecimento de firma no cartório? A lei moral foi substituída pela regulamentação das leis civis. O gozo feminino, até então rigorosamente controlado pela moral e pelos costumes, passa gradualmente a ser um direito, o que, com o tempo, voltou a constranger o desejo da mulher, agora na forma de um dever.

É evidente que não se trata de por em dúvida a inegável importância e valor das conquistas legais que criminalizam o feminicídio, a violência sexual, o abuso..., mas, à medida que nos afastamos do extremo do crime, vai se tornando impossível separar

desejo de violência. O desejo sexual constitui um nó paradoxal no qual o aumento de tensão em vez de gerar desprazer (dor) e levar ao seu evitamento, se transforma em prazer (gozo), convocando sua repetição.

DESEJO É TRANSGRESSÃO

Em seu cerne, o desejo conjuga de modo inextricável amor e ódio, prazer e dor. Desejo é corte, abertura, separação que tanto dói quanto dá prazer: é isso o gozo. O desejo é, acima de tudo, transgressão. O mesmo ato que decreta o corte, a perda, o interdito, obriga: goze, encontre o que foi perdido e usufrua isso. Em outras palavras: o mesmo ato que corta a laranja ao meio, obrigando a aceitação definitiva da perda desse pedaço, determina que se vá em busca da outra metade. A falta que nos move é o desejo de reencontrar o objeto perdido. Ocorre que a perda que é meramente simbólica, recai sobre um objeto imaginário. E tentar reencontrar um objeto imaginário, é pura ficção! Ficção na qual vivemos todos. Toda e qualquer escolha que fazemos na vida, visa a esse reencontro. O amor é a expressão máxima dessa exigência. É nele que colocamos nossas últimas fichas, acreditando em sua capacidade de promover o encontro impossível: que o amor consiga, enfim, realizar o impossível desejo. Encontro que é sempre faltoso e fracassa invariavelmente. Por isso o mal-estar perene dos seres humanos, que Freud atribui ao fato de vivermos comandados por leis culturais e não naturais (Freud, 1929-30), ou seja, por sermos movidos pelo desejo e não pelo instinto. Um mal-estar intratável, irreduzível, que nem mesmo o encontro máximo entre os corpos - o encontro sexual – é capaz de anular. O encontro sexual, de dois não faz um. “Não há relação sexual”, diz Lacan (1968, p. 266-267 e 1971, p.166-167), chocando os mais desavisados. Mas, é justamente por não haver nenhuma relação que dê *match*, que seguimos desejando. O desejo depende desse fracasso, desse encontro que nunca chega a ser completo. Pela castração nos tornamos sujeitos e castrados seguimos desejando.

A castração, porquanto ato fundante da subjetividade, interdita o gozo ao mesmo tempo que autoriza o prazer. O saldo desse processo é a montagem de uma estrutura chamada em psicanálise de “fantasia fundamental”. Essa fantasia enquadra o desejo, ditando-lhe o modo de obter o gozo interdito. Desse modo, ela constitui o próprio dispositivo que caracteriza o desejo como transgressão. A fantasia primitiva é um saber sobre o gozo, saber que orienta o sujeito em sua tentativa de reencontrar o objeto perdido. Um saber que, no entanto, está apoiado na recusa de saber que esse encontro é impossível. A singularidade subjetiva constitui a expressão do modo ímpar que cada um de nós tem de proceder a essa busca. O desejo põe a vida em movimento na busca daquilo que, se encontrado, aniquilaria a própria vida, interrompendo seu fluxo.

Homens e mulheres nunca se encontrarão como objeto de completude de seus corpos, pois ambos estão constituídos a partir dessa perda. Todavia, desejar atende ao imperativo de reencontro do objeto. Pensar que tal encontro não surtiu o efeito desejado porque o outro criou obstáculo, ou porque o próprio sujeito é impotente para conseguir isso, são recursos que o neurótico encontra para continuar cego frente ao impossível do desejo. Disso, ele não quer saber nada. O inconsciente é o território fundado pela expulsão desse saber, saber recalcado, “um saber *in-sabido* do sujeito” (Lacan, 1969, p.400). Esse saber que não se sabe constitui o buraco no saber de onde brota o desejo. Tudo recoberto pela fantasia primordial que, apoiada na interdição, impõe a ilusão do

reencontro do objeto, cuja encarnação mais preciosa é a pessoa amada: a metade que falta à laranja.

Cada época histórica, encontra um modo específico de tentar resolver esse impasse. Desde o final do antigo regime monárquico, a família nuclear que, aos poucos foi se constituindo como sucessora do reino e do castelo, tornou-se o recurso hegemônico para manter atado o casal. Esse tipo de estrutura familiar se organizou graças à repressão do desejo sexual da mulher. Concorreram para isso razões religiosas, políticas e sobretudo, econômicas. Era preciso proteger o patrimônio familiar, todo ele sempre amealhado pelo pai da família. Muito embora a repressão da sexualidade feminina atendesse a razões sociais e não psíquicas, seu fundamento propiciava uma forma – ilusória - de o desejo transgredir seu próprio interdito originário, promovendo a relação sexual como um encontro definitivo, cujo laço só a morte quebrava. O casamento então, amarrando para sempre um ao outro, garantia a estabilidade social e o patrimônio familiar, tentando, ao mesmo tempo, viabilizar a promessa de reencontro do objeto do desejo que sustenta o neurótico.

A religião, por sua vez, usurpadora do Pai fundador – que na estrutura do ser falante é apenas um operador lógico -, transforma-o em Ser supremo, habitante do firmamento e do qual ela se faz porta voz. Interessa-lhe, portanto, garantir que o pai seja sempre reconhecido, o que constitui razão suficiente para manter o desejo feminino sob estrito controle, uma vez que a mãe é conhecida, mas, o pai é impossível de ser determinado. A moral religiosa aliou-se aos interesses econômicos no estabelecimento do laço matrimonial inquebrantável e na repressão ao desejo da mulher.

O neurótico (homem e mulher) diz amém a tudo isso, pois em sua contabilidade desejante, entre perdas e danos, vence a ilusão do encontro completo e inquebrantável, o que para ele representa um imenso ganho. O casamento será uma instituição inabalável até que essa solução sintomática não dê mais conta de sustentar o ideal de um encontro que não fracasse. Importa observar que determinado padrão se torna hegemônico na sociedade porque atende a anseios da **fantasia subjetiva** e **não por uma simples imposição social**. É a fantasia que, tentando amarrar o que foi cortado, ignora o corte e promove a formação do grupo social entre os iguais. A formação social é secundária em relação à constituição do sujeito e seu drama, concorrendo para o apagamento do sujeito em sua singularidade, pois fomenta a ilusão dos pares.

O movimento contra cultural arrebatou as amarras que a fantasia tentava promover com o instituto do casamento, tendo, com isso, exposto a fera do desejo. Mas, como a verdade do desejo transborda sempre para o impasse do encontro impossível, a liberação sexual, em vez de trazer a almejada felicidade, acabou por produzir outro vilão para o mal-estar da condição humana. Agora, a própria diferença sexual passou a ser responsabilizada por nossa infelicidade. Finalmente, teríamos encontrado a verdadeira amarra imposta aos seres humanos: não somos felizes porque não podemos ser quem realmente somos (anjos?!) e isso porque a diferença sexual seria socialmente imposta desde nossa mais tenra infância. Está deflagrada a guerra dos sexos. A não-relação sexual, o encontro fracassado segue subjacente, quase palpável nesta guerra. Por que a essência do encontro - seu fracasso – atribuído à diferença sexual como imposição social, encontra na guerra dos sexos sua expressão atual?

DA LIBERAÇÃO SEXUAL À GUERRA DOS SEXOS

Um conjunto de fatores concorreu para esse cenário de guerra. A própria psicanálise constitui o primeiro desses fatores. Ela nasce dando voz à mulher, à histérica, aquela que por definição é a insatisfeita, a queixosa, a reivindicante. É a insatisfação perene da histérica, que leva Freud a vislumbrar o desejo inconsciente em seu caráter paradoxal e transgressor. Em seu grito de socorro, a histérica denuncia a impotência do pai, denunciando com isso o deserto do real no qual vivemos. A psicanálise dá o golpe fatal na ilusão da onipotência do Outro, seja ele o pai, Deus, ou qualquer outra versão de um que ampare, de um cujo encontro finalmente possa ser completo. Estes são golpes que atingem o poder divino e desmoralizam as religiões. Porém, atingem também o pai em sua dimensão estrutural, lugar simbólico que o homem ocupa na família. O pai na psicanálise, o pai que conta como “operador estrutural” (Lacan, 1970, p.116), é o Pai morto. O homem, ao se tornar pai, se prova simples representante desse Pai, veiculando, fazendo circular (em Nome-do-Pai) o *fálus* simbólico, significante de um poder que não lhe pertence. A psicanálise, denunciando a castração do homem, coloca uma pá de cal nas pretensões quase divinas do pai de família, pretensões que serviam para alimentar o poder absoluto do homem. O patriarcalismo, sustentado até aqui por esse poder que agora se prova ilusório, começa a ruir gradualmente a partir das descobertas psicanalíticas e de sua incorporação cultural.

Além de subverter a ordem patriarcal com a revelação da castração do homem, a psicanálise também colaborou com a subversão da posição das mulheres naquela estrutura ao tornar evidente que elas estão em condição de igualdade em relação aos homens, uma vez que a castração, o mecanismo pelo qual a subjetividade se institui, alcança tanto os homens quanto as mulheres. Do ponto de vista da subjetividade, ninguém mais pode ser considerado menos ou inferior ao outro, uma vez que ninguém escapa a essa lei cultural, simbólica. Somos todos castrados. Esse aspecto igualitário da incidência da castração na constituição do desejo humano, não foi adequadamente dimensionado pelos leitores que apressada e superficialmente tomaram de empréstimo a teoria psicanalítica, atendo-se exclusivamente à apreensão imaginária e intuitiva de seu objeto, em detrimento de sua dimensão lógica e estrutural. Acharam por bem entender que o *fálus* era mero sinônimo de pênis e que a castração representava um dano físico atribuído à mulher que se inferiorizava, na teoria, por não portar esse órgão. Escapalhes, deste modo, a enorme contribuição que a psicanálise trouxe ao permitir ampliar o alcance do debate sobre a liberação sexual e suas consequências na constituição da subjetividade contemporânea.

Outro fator que contribuiu enormemente com a liberação sexual iniciada em meados do século XX, veio da ciência e atingiu em cheio o equilíbrio de forças entre o homem e a mulher, equilíbrio aparentemente precarizado pelo forçado desequilíbrio de poder vigente na estrutura patriarcal. Trata-se do desenvolvimento dos métodos contraceptivos e da reprodução assistida. Com a pílula anticoncepcional a mulher decide quando ter um filho. O homem perde o poder de participar desse acontecimento incontrollável. Mesmo que nenhuma relação sexual aconteça com vistas à reprodução, é inegável que esse poder decisório, depois da pílula anticoncepcional, ficou integralmente nas mãos das mulheres. Mais que isso, em termos de reprodução, o acaso não atinge mais a mulher, a não ser que ela queira. O poder que ela conquistou de dominar o imponderável da concepção, não é pouca coisa; é uma enormidade. Não há nada semelhante do lado do homem. Ter um filho não é mais questão de desejo para a mulher. Ter um filho passou a

ser obra de sua vontade plenamente consciente e calculada. Seu desejo sexual não é mais necessário. Estando totalmente fora dessa equação, ele se torna dispensável.

O advento da reprodução assistida, causa impacto ainda maior. Agora, o próprio homem fica dispensado do ato reprodutivo, estando reduzido ao esperma. O ato sexual se desqualifica de vez para a reprodução humana. Isso atinge em cheio a crença na ilusão de que o desejo sexual fosse comandado pelo instinto natural de reprodução, fato que dava suporte à ideia de que o arranjo heterossexual era o arranjo correto. A ficção da haver um encontro sexual adequado, se apoiava na ilusão de existir, sim, um objeto de completude a ser encontrado. A ciência com seu avanço no campo da reprodução humana, ironicamente nos leva a constatar que o sexo no ser humano é comandado pelo desejo (e sua falta de objeto) e não pelo instinto, endossando sem perceber, a tese psicanalítica. Qualquer arranjo sexual se torna igualmente possível, justamente porque nenhum é necessário e suficiente para a tão almejada completude.

Todos esses avanços que trouxeram muito mais qualidade e tranquilidade para a vida de todos nós, acarretaram também mudanças profundas no equilíbrio de forças em jogo na estrutura simbólica responsável pela constituição da subjetividade. Todos os personagens que participam do drama de tornar-se humano, foram afetados: o corpo do homem tornou-se dispensável para que uma mulher tenha um filho e, conseqüentemente, o ato sexual deixa de ser necessário, assim como, a parceria heterossexual; o desejo de ter um filho, fica obstruído na mulher ao ser encampado por sua vontade consciente. Para realizar essa vontade ela não precisa mais desejar um homem. O efeito disso atinge em cheio a criança. Um filho significa para uma mulher o reencontro de seu objeto perdido, sendo desse modo que ele é acolhido e investido. Agora, sem que o imponderável do desejo materno incida na concepção, o filho perde em grande medida sua dimensão de objeto do desejo (objeto fálico, simbólico), passando a ser mais um dentre os tantos objetos de consumo. Ele se torna equivalente à mera mercadoria e como qualquer outra, pode ser adquirido. Em 2018 comemorou-se os 40 anos do nascimento do primeiro bebê de proveta. Na ocasião, uma reportagem jornalística sobre essa data, entrevistou várias mães que tiveram filhos graças aos avanços da reprodução assistida. Uma delas declarou: “Eu decidi a hora certa de ter um filho e não dependi de encontrar um homem que também quisesse isso. Esse filho é meu. Eu tenho a nota fiscal”.

O espírito da época registra muito vividamente a desvalorização fálica do homem. Nunca é demais lembrar que o termo *fálus* em psicanálise refere-se à noção de poder, potência. Um poder que não se confunde com tirania, mas sim, expressa a potência da eficácia simbólica, aquela capaz de adiar o gozo, transformando-o em promessa futura, o que preserva a brecha necessária para o desejo fluir.

Despossuído do poder fálico, torna-se difícil para o homem ocupar o lugar simbólico do pai. É desse lugar que o pai interdita a mãe aos filhos, ordenando-lhes o desejo e convocando a mãe a voltar a ser mulher. Através deste ato, o homem confirma ao mesmo tempo, sua própria castração (Steffen, 2018).

É o poder fálico da mãe que representa a verdadeira dimensão tóxica do poder. Se não interditado, o gozo materno mantém cativo o filho na condição de seu objeto. O interdito do incesto reduz a virulência do imperativo de gozo no qual a mãe e a criança estão presas. Castrada desse gozo, a mãe volta a ser mulher. O termo **mulher** deve ser

entendido como **mãe castrada**, ou seja, como gozo interdito cujo resultado é o desejo com sua falta de completude. É a mulher que, com seu desejo, autoriza a relação sexual. É ela quem decide se um ato sexual é legítimo ou se é um estupro. Esse poder sempre foi dela. Quem transforma em prazer um ato que é o mesmo que um ato de violência, de devastação, é a mulher com seu desejo pelo homem. Atribuindo valor fálico àquele homem, ela o diferencia dos demais e o escolhe como parceiro. Sem esse investimento, o homem não terá seu desejo autorizado por ela. O exercício desse poder feminino era muito limitado em tempos de casamentos arranjados e vida sexual comandada pela obrigação matrimonial e não pelo desejo. Os homens, tampouco, exerciam seu desejo em casa. A prostituta à qual recorriam, apenas fingia desejá-los. O gozo frente ao desejo da mulher que, autenticamente, o investe de poder fálico numa relação sexual apoiada no **desejo de ambos**, também estava fora do alcance do homem.

O curioso é que a roda gigante da história, prometendo a liberação sexual, acabou por nos conduzir a um ponto no qual todas essas questões se tornaram ainda mais difíceis. Tendo atingido e dificultado a ocupação dos lugares simbólicos na família, ponto da constituição subjetiva, a contemporaneidade tornou difícil o exercício do desejo pela via da aliança com o Outro, com a diferença pura, sede da heterossexualidade que perdeu sua aura de modelo garantidor do encontro do objeto. Isso abriu caminho para o aparecimento de múltiplas sexualidades, o que é altamente libertador para aqueles que tendo se constituído sexualmente fora dos cânones da Sagrada Família, viviam nas sombras de um amor que não ousava dizer seu nome.

O cenário sexual que se descortina aponta para novos arranjos e configurações. Porém, ao lado da tolerância sexual, aparece na cena do mundo uma sua insuspeita irmã gêmea: a intolerância para com o Outro, o estrangeiro, o puramente diferente. Não há nada nos estudos sociológicos que dê conta dessa contradição, tampouco observa-se a ligação gemelar entre esses fenômenos. Mais uma vez, cabe a psicanálise ser a porta voz do escândalo. Esta dupla e contraditória manifestação de tolerância e intolerância expressa o caráter ambíguo do desejo humano; sua face de ódio está cada vez mais visível. Encontrar um modo de lidar com isso, é o desafio ao qual estes novos tempos nos lançam.

Sempre que um padrão é quebrado, ocorre um florescimento de criatividade e as possibilidades nos mais variados campos se tornam múltiplas, o que pode representar ganho civilizatório. Mas, a dimensão da subjetividade capaz de produzir obra civilizatória é aquela mobilizada pela psicanálise ao por em cena o sujeito do desejo e não a dimensão do sujeito psicológico ou sociológico, dono e agente de uma vontade consciente.

O sujeito da sociologia faz parte do grupo, encontra sua turma, sendo um sujeito que se define por ser idêntico aos ideais de determinado grupo em consonância com seu tempo histórico. Já, a psicanálise trata de outra dimensão subjetiva: o sujeito do inconsciente, pura falta de completude encravada no coração pulsante da vida. A identificação que o constitui, longe de apoiar-se nos ideais coletivos, apoia-se na diferença pura, apontando para uma singularidade irreduzível. O sujeito sociológico, sendo sempre membro de um grupo, é múltiplo e se situa entre iguais, entre seus pares. O sujeito da psicanálise é ímpar. Sempre só e único, ele se reduz a um traço comemorativo de um encontro que teria acontecido se o objeto buscado não fosse perdido desde sempre. É pelo futuro do pretérito que transita o sujeito do desejo, aquele que teria sido se o encontro não fosse

sempre fracassado. Esse tempo imemorial caracteriza a temporalidade subjetiva que, marcada pelo corte primordial e o buraco vazio que o denuncia, constitui o sexo de que trata a psicanálise, o sexo cujo mal-estar caracteriza o ser humano.

Intensifica-se, na contemporaneidade, a defesa contra a verdade do sexo humano, sexo cuja origem latina “se liga a *secare*” (Lacan, 1970, p.71), de onde temos o “dissecar”, “cortar” e, então, “castrar”. Será que o impasse do desejo foi ultrapassado com a denúncia atual de um novo vilão, ou mais uma vez, apenas trocamos de algoz?

A PSICANÁLISE COMO ULTRAPASSAGEM DO IMPASSE

A desvalorização fálica do homem e o incremento do poder fálico da mulher repercutem em ambos, criando um obstáculo extra ao encontro amoroso, expresso por uma limitação do alcance do desejo. Impossibilitados de fazer amor, agora fazemos a guerra. A revolução sexual completa seu giro de 360 graus e reencontra seu próprio ponto de partida invertido: “faça a guerra, não faça amor”, versão atual do imperativo dos anos 70. Se o encontro na cama não se dá, vamos nos encontrar no campo de batalha. O ser humano segue tentando um encontro que não fracasse, que seja pleno. Não mudamos nada, apesar de estar tudo diferente!

A solução dada ao impasse estrutural do desejo humano, através da tentativa de ordená-lo pela mudança dos costumes e da moral vigente a partir das leis civis, desanda em militância enfurecida e sufoca a política do desejo, restringindo-a a uma luta de poder que, por sua vez, acaba em violência e selvageria. É assim que se troca de mestre sem alterar a estrutura, falácia que Lacan detecta na ideia de revolução.

Quanto mais recrudescer a batalha, mais a psicanálise se faz necessária. Ela professa a verdade do encontro sempre faltoso e possibilita o atravessamento da fantasia em sua dimensão de impasse, levando à ultrapassagem do ponto em que somos tentados a preencher a falta de objeto ou a buscar os responsáveis por esse fracasso. A experiência da análise pode conduzir o sujeito a **se reconhecer na falta** que o constitui como desejo. Isto, sim, muda a estrutura desejante. Nada mais de militância contra o obstáculo, fim da política de disputa do poder. Aqui, o próprio obstáculo é o instrumento. A política da psicanálise, visa ao enlaçamento com o estrangeiro, com o Outro absoluto em sua alteridade irremediável, o Outro que é nossa própria falta constituinte, nossa “outra cena”. A tentativa vã de obturação dessa falta, de sua anulação, é fonte de patologia e de enfraquecimento do desejo. As soluções em cena na contemporaneidade, assim como em qualquer outro período da história, não resolvem o impasse do desejo humano, senão que expressam a patologia social característica destes nossos tempos.

A contracultura atingiu a estrutura da subjetividade, tendo denunciado o engodo da solução que o modelo anterior dava à sexualidade. Secundado pelos avanços trazidos pela psicanálise e pela ciência, o movimento contra cultural produziu mudanças na possibilidade de ocupação dos lugares simbólicos que constituem o sujeito, o que mostra que a contracultura não foi um movimento puramente ideológico, como foi a revolução socialista. Daí ter alcançado repercussão definitiva e total, à diferença daquela. A contracultura implicou o sujeito para além de suas ideias. Porém (re)voltou à formação de movimento social que sempre teve e, desse modo, não ultrapassou o ponto

de impasse do desejo, tendo mais uma vez, encontrado alguma vilania à qual responsabilizar pelo fracasso do encontro amoroso. O resultado disso foi novamente travar o desejo, agora de modo ainda mais virulento. A volta completa sem nenhum corte, inverte a mensagem e o amor se diz ódio.

Tomar a falta de completude como causa em vez de considerá-la um entrave ao desejo, assumir o impossível de seu preenchimento como dispositivo propício ao ato, liberta o desejo para fluir em múltiplas direções. A falta sendo identificada como causa do desejo, ou seja, o vazio sendo reconhecido como causa legítima do movimento subjetivo, introduz o corte no coração do ato e impede o eterno retorno pelo avesso. Assim, se faz a única revolução possível, aquela que inventa o novo e amplia o laço civilizatório. O sujeito aqui, é efeito do ato que o refunda, permanecendo sempre ímpar.

Nada no território da práxis analítica nos conduz ao sujeito sociológico, agente de uma vontade comum aos membros do grupo. O grupo social não constitui o sujeito. O grupo é constituído por receber a adesão de sujeitos que encontram uma identidade ideal entre si, sujeitos que compartilham a crença no mesmo tipo de resposta sintomática para viabilizar um encontro que não fracasse.

A única saída possível ao impasse do desejo é singular, subjetiva, cada um encontrando seu modo de implementá-la nas tramas de sua própria história, através dessa aventura que se chama Psicanálise. Só então, quando o impossível do encontro conta no jogo, a guerra dos sexos pode dar lugar ao prazer.

Campinas, junho/2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Freud, Sigmund (1929-30). 1973. “El malestar en la cultura”. In Obras Completas de Sigmund Freud, Tomo III. Terceira Edição. Madrid: Biblioteca Nueva.

Lacan, Jacques (1968). Seminário 15 – O ato psicanalítico. Sessão de 27/03/1968. Inédito.

_____ (1969). 2006. Le Séminaire livre XVI – D’un Autre à l’autre. Texto estabelecido por J-A Miller. Paris: Éditions du Seuil.

_____ (1970). 1992. O Seminário livro 17 – O avesso da psicanálise. Texto estabelecido por J-A Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1971). 2006. Le Séminaire livre XVIII – D’un discours qui ne serait pas du semblant. Texto estabelecido por J-A Miller. Paris: Éditions du Seuil.

Salles, João Moreira. 2018. Filme documentário: No Intenso Agora.

Steffen, Regina (2018). O que é uma mulher? In www.acpsicanalise.org.br (publicações/artigos).